



Biblios

E-ISSN: 1562-4730

editor@bibliosperu.com

Julio Santillán Aldana, ed.

Perú

Fortkamp Caldin, Clarice
Biblioterapia: atividades de leitura desenvolvidas por acadêmicos do Curso de Biblioteconomia da
Universidade Federal de Santa Catarina
Biblios, vol. 6, núm. 22, enero-agosto, 2005, pp. 13-25
Julio Santillán Aldana, ed.
Lima, Perú

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=16102202>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Biblioterapia: Atividades de leitura desenvolvidas por acadêmicos do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina

Por **Clarice Fortkamp Caldin**

Professora Assistente no Departamento de Ciência da Informação na Universidade Federal de Santa Catarina

(Brasil)

Correio eletrônico: claricef@matrix.com.br

RESUMO

Pretende-se relatar a experiência de acadêmicos do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil, no desenvolvimento de atividades de leitura com possibilidades terapêuticas. Tais atividades, respaldadas em conteúdos teóricos da disciplina *Biblioterapia*, valeram-se de leitura e contação de histórias complementadas por poesias, dramatização, vídeos, música, dança e jogos. A articulação do literário com a função terapêutica da leitura promoveu a catarse, o humor, a identificação, a introjeção, a projeção e a introspecção dos agentes envolvidos, mostrando-se a biblioterapia um instrumento eficaz no combate às tensões da vida diária.

Palavras-chave: biblioterapia; leitura-função terapêutica; catarse.

ABSTRACT

Pretend it to relate the experience of Library Science Course students of the Santa Catarina Federal University, Brazil, about the development of reading activities as therapeutics possibilities. This activities, based in theoretical material of Bibliotherapy class, using the reading and telling tales, with poetry, dramatic art, videos, music, dance and games. The articulation of literary with the therapeutic reading function, promoted the catharsis, the humor, the identification, the introjection, the projection and the introspection of people involved, showing them the bibliotherapy as a efficacious instrument to combat the tensions of life.

Keywords: bibliotherapy; reading – therapeutic function; catharsis.

1 INTRODUÇÃO

O Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina iniciou-se em 1973. Desde então, seu currículo tem sofrido atualizações necessárias à formação de profissionais que atuem de maneira cabal no mercado de trabalho.

Inserida no currículo do Curso, como disciplina optativa, tem-se a *Biblioterapia*, cujo programa, elaborado e proposto pela autora do presente artigo, foi aprovado em 28 de outubro de 2002, em Reunião do Colegiado do Departamento de Ciência da Informação, sendo a disciplina ministrada a partir de 2003.1.

Com carga horária de 36 horas/aula semestrais e 2 horas/aula semanais, possui como ementa: conceitos e objetivos da biblioterapia; fundamento filosófico; o método biblioterapêutico; aplicações da biblioterapia. O objetivo geral da disciplina é capacitar o acadêmico a utilizar a leitura como atividade biblioterapêutica. O conteúdo programático contempla uma parte teórica e uma parte prática.

Assim, respaldados na teoria apreendida em sala de aula, exige-se que os acadêmicos desenvolvam um projeto de atividades biblioterapêuticas e o executem em forma de uma sessão piloto em instituição previamente selecionada. Pretende-se relatar a experiência dos alunos matriculados na disciplina em 2004.2.

2 NOÇÕES TEÓRICAS SOBRE A BIBLIOTERAPIA

A biblioterapia admite a possibilidade de terapia por meio da leitura de textos literários. Contempla, não apenas a leitura de histórias, mas também os comentários adicionais a ela e propõe práticas de leitura que proporcionem a interpretação do texto. Assim, o sujeito, ao exercer sua liberdade de interpretar, cria novos sentidos ao lido. Também se pode dizer que as palavras não são neutras e, portanto, a linguagem metafórica tem a capacidade de conduzir o sujeito para além de si mesmo; é transcendental.

A troca de interpretações é o mais importante no diálogo biblioterapêutico. Palavras e gestos – voz e corpo – se unem para fornecer a garantia de que o sujeito não está sozinho – ele pertence a um grupo e tira apoio dele. A intercorporeidade, aliada à intersubjetividade, transforma a leitura coletiva em um ato fenomênico.

Pode-se listar como componentes biblioterapêuticos: a catarse, o humor, a identificação, a introjeção, a projeção e a introspecção.

Aristóteles (1966) atribuiu à tragédia a formação de prazer estético no sujeito despertado pela representação artística. Assim, o espetáculo trágico transformaria o temor e a piedade em catarse, ou seja - despertaria emoções no público e depois as apaziguaria.

Em entrevistas com o Professor Doutor em Ontologia e História da Filosofia, Marcos José Müller (2001), do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina, obteve-se informações adicionais sobre a teoria da catarse. Segundo o Professor, tanto para os exegetas de Aristóteles na antiguidade, quanto para os exegetas de Aristóteles no período românico-cristão, o conceito primeiro de catarse tinha uma conotação eminentemente moral. Via-se a catarse como um ato por cujo meio se podia eliminar emoções nocivas e motivar os valores de respeito à lei e retidão moral no cidadão. No Renascimento, entretanto, resgatou-se um emprego antigo da noção de catarse e segundo o qual ela é o ato clínico de elementos dos maus humores entre o espírito e o corpo. Essa segunda acepção aplicada à tragédia gera um debate sobre a finalidade terapêutica da mesma. Aqui aparece a idéia da moderação: ver a representação de um sofrimento maior que o nosso, nos outros, diminui nosso sofrer. O Professor citou David Ross, que em seu livro *Aristóteles* (1987), mostra que a catarse seria, por um lado, meio, e por outro lado, efeito da tragédia. Enquanto meio, ela é uma função direta. Enquanto efeito, ela é uma função ulterior. Enquanto meio, ou função direta, a catarse é o que permite-nos a transferência de nossos conflitos morais e afetivos às personagens. Dessa forma, poderíamos enfim enfrentá-los, por se tratar de conflitos não diretamente nossos. Enquanto efeito, ou função indireta, a catarse é a relativização da intensidade de nossos conflitos, ou a moderação dos mesmos. De modo que se pode genericamente falar da catarse como uma moderação dos nossos sentimentos (de temor) por meio da representação desses sentimentos junto a uma personagem (porque nos compadecemos). O efeito catártico seria a sublimação, em que a transferência dos sofrimentos da pessoa para a personagem ocasionaria um alívio. Assim, ver o nosso sofrimento no outro conduziria à paz. Como não conseguimos ver a nossa verdade, vemos a verdade no herói trágico. Isto causaria um efeito de suspensão, de purificação, de eliminação dos sentimentos, porque poder-se-ia lidar com os mesmos na personagem. O efeito ulterior é o sentir-se aliviado, atenuar o próprio sentimento pela purificação das emoções. Assim, a purificação só é possível pela produção das emoções. A tragédia causa emoções e as modera. Ter compaixão e temor é ver na personagem seus próprios medos, sua própria condição; representar estas emoções para si mesma é tê-las sob domínio, significa não mais ser vítima delas. Quando se representam esses temores para si mesmo, eles podem

ser medidos. A catarse seria, portanto, a justa medida dos sentimentos – modera os sentimentos, produzindo-os. Se a catarse é o meio ou o efeito da tragédia é uma discussão exegética, pois o resultado é o mesmo.

A catarse é possível, também, por meio da literatura. Leitura ou contação de textos literários instigantes estimulam a formação de emoções, produzem uma “alegria serena” de que falava Aristóteles (1966).

Lembra Freire (1982, p. 149) que “da flexibilidade e do extraordinário potencial da catarse, se origina o facto de a função catártica se haver tornado extensiva a toda expressão artística e literária”. Assim, mesmo os textos literários que não são dramáticos podem ser catárticos.

Uma das pioneiras no estudo e aplicação da biblioterapia, Shrodes (1949), considerou biblioterapia como um processo dinâmico entre leitor e texto literário, tendo o último a capacidade de provocar emoções no primeiro. Baseada na teoria da catarse aristotélica e na teoria freudiana da identificação, verificou, por meio de estudos experimentais, que a literatura ficcional pode seduzir, produzir mudanças comportamentais e induzir ao riso. Dessa forma, a literatura proporcionaria a reconciliação entre o prazer e a realidade agindo sobre o leitor tanto de forma consciente quanto inconsciente.

O segundo elemento biblioterapêutico, o humor, tem sido objeto de estudos por filósofos, psicólogos, literatos. É de domínio comum que o humor se move na fronteira entre a estética e a psicologia e por esse motivo é dificilmente compreendido pelos métodos e análises literárias.

Desde Aristóteles existe a constatação de que o homem é o único animal que ri. O filósofo já dizia que o riso é externo e objetivo. Bergson (1983) segue a linha aristotélica de que o riso é próprio do homem.

Muito embora Bergson (1983) tenha desenhado o riso como desprovido de emoção – segundo ele o homem sensível às angústias de seu semelhante não ri - considerou o riso como instrumento de descontração. Para Bergson, o riso não é benévolo, porque visa o castigo dos efeitos, nem justo, posto que é mecânico. Entretanto, mesmo sendo mau, visa o bem, porque tenta ajustar o homem à sociedade, passando da rigidez à flexibilidade, para adaptá-lo à vida em comum com outros homens.

Na sua análise para definir se o humor se trata de uma manifestação intelectual ou afetiva do homem, Escarpit (1976) constata que só a atitude intelectual não é suficiente para justificar o humor – que está ligado à benevolência e ao espírito de tolerância do ser humano. Dessa forma, mesmo utilizando um mecanismo intelectual como meio de provocar o riso, o humor é, essencialmente, afetivo.

Na visão de Hauser (1976) o humor é racional e insensível, e mesmo apresentando uma faceta de compreensão e tolerância, é cético e crítico.

O humor é o sentimento do contrário – assim o define Pirandello (19--). Ao aceitar essa declaração, Bosi (1988) argumenta que o verdadeiro humor é muito raro: enquanto sentimento do contrário, exige uma viva adesão afetiva e intelectual à matéria humana que toma por objeto de contemplação.

Em que pesem as várias concepções do humor, neste artigo adota-se como apoio teórico o pensamento de Freud.

Para Freud (1969), o riso se processa a partir de fatores internos, subjetivos. Freud usa a palavra humor no sentido alemão que é mais restrito que o inglês e o francês – como sendo uma atitude que leva o sujeito a se prender ao objeto de seu humor. É a auto-mofa, que pode se transformar numa postura na vida face aos acontecimentos desagradáveis que acontecem habitualmente. Assim, o homem munido de senso de humor se coloca acima de sua própria condição e considera os infortúnios

com certo desinteresse. Freud (1969) observa que o humor se configura como um triunfo do narcisismo, visto que o ego se recusa a sofrer.

Esta “elevação da alma” que Freud explica pelos mecanismos psicanalíticos não escapa aos estéticos, que têm declarado o caráter sublime do humor. Por esse motivo, na biblioterapia, é destacado o papel do humor em textos literários.

O terceiro componente biblioterapêutico listado foi a identificação, que se configura como um dos mecanismos psicológicos centrais na obra de Freud (197-). Segundo Laplanche; Pontalis (1994, p. 227), duas acepções são possíveis a respeito do substantivo identificação: pode significar tanto “a ação de identificar, isto é, reconhecer como idêntico”, como também “ato pelo qual um indivíduo se torna idêntico a outro”. Assim, “a identificação – no sentido de identificar-se - abrange na linguagem corrente toda uma série de conceitos psicológicos, tais como imitação, *Einfühlung* (empatia), simpatia, contágio mental, projeção, etc” e “na obra de Freud, o conceito de identificação assumiu progressivamente o valor central que faz dela, mais do que um mecanismo psicológico, a operação pela qual o sujeito humano se constitui”.

Quase sempre de forma inconsciente, a identificação com uma personagem permite vivenciar situações por vezes impossíveis na vida real. Considera-se essencial à biblioterapia a concepção de que o sujeito possui uma identidade em movimento ou a identidade dinâmica. Ouaknin, que consagra suas pesquisas há mais de dez anos à questão do livro e sua interação com o leitor, verifica a repercussão da leitura sobre o estado de ânimo e sobre a saúde do homem e afirma que “para a biblioterapia, a identidade é um não-lugar”, pois o ser humano é um “ser de caminho, um homem em marcha” (OUAKNIN, 1996, p. 98,99). Assim, a identidade humana nunca está pronta, vai sendo construída pelas identificações processadas ao longo da vida, podendo estas ser respaldadas nos modelos literários das narrativas ficcionais.

Freud (197-) atribuiu à introjeção e à projeção um papel essencial no estudo da oposição ego/mundo exterior. De acordo com Laplanche; Pontalis (1994, p. 246) em Freud “o ‘ego-prazer purificado’ constitui-se por uma introjeção de tudo o que é fonte de prazer e por uma projeção para fora de tudo o que é ocasião de desprazer”. Assim, o leitor ou o ouvinte podem atribuir a si qualidades ou aspectos desejáveis da personagem da narrativa ficcional, absorvendo-os como se fossem seus, bem como atribuir à personagem suas dores, fraquezas e conflitos, para livrar-se momentaneamente de sentimentos angustiantes e poder lidar com os mesmos. Projeção e introjeção encontram-se imbricadas no mecanismo da identificação.

Cumprido, agora, discorrer sobre o último componente listado: a introspecção. Para Sartre (1982, p. 105) “a introspecção é um modo especial de reflexão que procura apreender e fixar os fatos empíricos”. De acordo com Merleau-Ponty (1990, p. 162) “a introspecção [...] é a percepção interior, a notação de fatos que se passam em mim”. Pode-se inferir, então, que a introspecção permite ao sujeito refletir sobre os seus sentimentos e modificar suas ações. Shrodes (1949) considerou como terapêutica a introspecção visto ser capaz de produzir o entendimento e a educação das emoções.

3 A EXPERIÊNCIA DE ACADÊMICOS COM ATIVIDADES DE BIBLIOTERAPIA

Empenhada em incentivar os bibliotecários para que utilizem a leitura como função terapêutica, Caldin (2001) publicou um artigo teórico apresentando o conceito, os objetivos, o fundamento filosófico e a metodologia da biblioterapia. No ano seguinte, relatou a experiência do projeto de extensão universitária *Biblioterapia: programa de leitura para crianças internadas no Hospital Universitário*, em que coordenou a atuação de acadêmicos de diversas fases do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina em atividades de biblioterapia que se processaram em agosto de 2001 e de março a maio de 2002 (CALDIN, 2002). A seguir, registrou uma atividade de biblioterapia que realizou em escola estadual de educação básica, no período de maio a

dezembro de 2002 (CALDIN, 2003). A fim de trazer mais uma contribuição para a área, Caldin (2004) realizou uma análise de textos literários infantis com aplicabilidade terapêutica, que serve de modelo a todos que desejam verificar a pertinência do conto ou da história no uso terapêutico.

O relato a seguir pretende divulgar a experiência de 30 alunos matriculados na disciplina *Biblioterapia* em 2004.2, que desenvolveram atividades de leitura com finalidade terapêutica em várias instituições e com público-alvo de diversas faixas etárias. Os procedimentos metodológicos, as expectativas do projeto e os resultados do relatório final serão descritos com a intenção de auxiliar os bibliotecários que atuam ou pretendem atuar com a biblioterapia.

Foram, ao todo, executados 8 projetos, sendo 5 direcionados a crianças, 1 a jovens e adultos e 2 a idosos. Os acadêmicos tiveram a liberdade de escolher o local da aplicação da sessão-piloto de biblioterapia. Todos apresentaram um relatório final das atividades.

O Projeto *Biblioterapia no Colégio Barddal*, de autoria de Elisangela Hoffmann, Eliziane Maria Alves, Enyomara Lourenço Filho, Francisléia Paula Padilha e Mirian Tavares Pirath foi desenvolvido com a turma da Classe de Alfabetização de alunos do Colégio. Teve como objetivo primário proporcionar a identificação com as personagens da narrativa ficcional, e, como objetivos específicos: a) proporcionar a socialização; b) desenvolver a imaginação. Os procedimentos metodológicos implicaram em visita à Instituição, contato com a Direção do Colégio para obter aprovação do Projeto, entrevista com a professora responsável pela Classe de Alfabetização e averiguação dos recursos lúdicos existentes no Colégio para subsidiar o trabalho de biblioterapia. A equipe optou pela contação da história *O macaco e a boneca de cera*, de Sônia Junqueira. Considerou o texto apropriado para a faixa etária e uma analogia às travessuras dos alunos do Colégio.

Segundo o Relatório Final (HOFFMANN et al. 2004), os oito alunos da Classe de Alfabetização, com idade entre 5 e 6 anos, ouviram a história (que conta as travessuras de um macaco que tenta enganar uma velhinha e, no final, cai em uma armadilha) com bastante atenção a todos os detalhes enquanto a contadora exibia as ilustrações. No momento do clímax do conto, as crianças mostraram-se solidárias com as personagens que sofreram desonestidade e teceram comentários sobre o vilão. Muitas crianças se identificaram com as personagens e observou-se que chegaram à conclusão de que a honestidade é importante para a vida comunitária. A equipe de acadêmicas elaborou desenhos em cartolinas com as personagens e paisagens da história, que foram sendo fixados no quadro enquanto a contadora discorria sobre o conto. Para verificar a interação das crianças com a história, o final ficou em aberto, cabendo aos pequenos desenhar o desfecho do conto de acordo com sua imaginação. Munidas de folhas papel A4 e canetas hidrocor, todas as crianças tiveram a oportunidade de se expressar por meio de desenhos coloridos, fornecendo-se assim, diferentes possibilidades de finalizar uma mesma história. A professora responsável pela classe fez anotações a respeito das reações das crianças para fundamentar futuras escolhas de temas para os próximos trabalhos de leitura com os alunos, manifestando interesse em dar continuidade à atividade de biblioterapia.

O Projeto *Biblioterapia*, de autoria de Carla C. Largura, Cíntia Ilu Diegoli, José Luciano Cunha, Lourival Lacerda e Simone Hames foi desenvolvido no Colégio Lavoisier, Unidade Maria Eduarda, com a Classe de Alfabetização. O objetivo primário do projeto foi incentivar a leitura nas crianças. Como objetivos específicos, listou: a) apresentar um texto que contemple o humor; b) ajudar a diminuir a timidez das crianças; c) oferecer a possibilidade de diálogo. A metodologia consistiu em leitura em voz alta da história *O joelho Juvenal*, de Ziraldo, precedida de reconhecimento do local e contato com a coordenadora e professores do Colégio.

De acordo com o Relatório Final (LARGURA et al. 2004) a equipe caracterizou-se de criança, as moças apresentando-se de Maria Chiquinha, saia, calça cotton e meias coloridas, e os rapazes, de bonés e bermudas. Todos portavam o desenho no joelho, tema do conto selecionado. Após a contação, foi entabulada uma conversa com as crianças de maneira informal e descontraída, para que as mesmas pudessem expressar sua opinião a respeito da história, que narra as peripécias de um menino que sempre está caindo e machucando o joelho. A seguir, todos tiveram seus joelhos pintados, com olhos,

nariz e boca simbolizando o joelho Juvenal. Para diversificar a atividade de biblioterapia, utilizou-se um CD com a música *Cabeça, ombro, joelho e pé*, da Xuxa. A brincadeira consistiu em acompanhar a música (com dança e gestualidade), que ora incentiva a tocar na cabeça, ora no ombro, ora no joelho, ora no pé – o que causou comicidade, pois a canção é muito rápida. Todas as crianças participaram de bom gado em ouvir a história, em dialogar sobre o conto, em acompanhar a música, em cantar, e em dançar. A timidez foi esquecida. A sessão durou 45 minutos e prendeu a atenção das crianças que se deliciaram com o ludismo associado à contação da história. Ao finalizar, a equipe presenteou as crianças com cadernos educativos e pacotes de doces. O grupo relata a satisfação obtida com o efeito produzido nas crianças pelo conjunto das atividades e com a curiosidade de outras professoras do Colégio que presenciaram a dinâmica das mesmas. Considera ter demonstrado a alunos e professoras que a leitura pode ser algo agradável e divertido como uma brincadeira e deve ser transformada em momentos prazerosos.

O Projeto *Biblioterapia para crianças do Centro Municipal de Educação Infantil São Tomé*, de autoria de Cristiane Izabel da Silva e Tânia Maria Bombarda Valença foi desenvolvido em uma instituição de ensino público municipal com 12 crianças entre 5 e 6 anos. Teve como objetivo geral efetivar a catarse. Como objetivos específicos, o Projeto visou: a) socializar as crianças; b) favorecer o diálogo; c) desenvolver a criatividade. Após conhecer as instalações da Instituição e obter autorização da Direção e da professora da turma para a aplicação da biblioterapia, as acadêmicas optaram por apresentar um filme infantil, visto o Centro atender uma comunidade carente, que não dispõe de muitos recursos lúdicos.

Tendo por base o Relatório Final (SILVA; VALENÇA, 2004), em conversa anterior à sessão-piloto, as alunas apresentaram a idéia do filme à classe, que se entusiasmou e solicitou que fosse *Cinderela*. Na execução do filme (versão de Walt Disney), que durou 75 minutos, observou-se que as crianças estavam bastante ansiosas, mostrando uma inquietação pela novidade da atividade aplicada, visto a mesma não fazer parte da rotina do Centro. As crianças apresentaram várias reações relativas ao filme, como, por exemplo, a tristeza por ver a personagem principal, *Cinderela*, ser humilhada pela madrasta e por suas irmãs. Durante o desenvolvimento da história, constatou-se que eram grandes a ansiedade e a expectativa dos pequenos em que *Cinderela* conseguisse sair da situação aflitiva em que se encontrava. Por fim, com o desfecho feliz da história, notou-se o alívio e a alegria das crianças por *Cinderela* ficar com seu príncipe encantado. Assim, processou-se, de fato, a catarse. Após o encerramento do filme, foi sugerido que as crianças desenhasssem o que haviam entendido da história. A atividade foi muito apreciada pelas crianças, que puderam expressar-se livremente por meio de desenho e trocaram idéias a respeito do filme. Considerando a realidade das instituições carentes, as acadêmicas sentiram a necessidade de mais empenho dos profissionais da área da Educação na busca de alternativas de socializar as crianças e apresentarem informação aliada ao lazer.

O projeto *Uma sessão de biblioterapia na brinquetoteca da Cidade da Criança de Florianópolis – SC*, de autoria de Beatriz Müller, Gersa Duarte e Maria Helena de Gouveia foi desenvolvido com 15 crianças com faixa etária entre 4 e 12 anos, do Projeto Florir Floripa e da Casa da Passagem, ambos pertencentes à Cidade da Criança que gerencia o Programa Centro Referencial de Atendimento à Criança e ao Adolescente em Situação de Risco Social e Pessoal. A brinquetoteca, criada com o apoio da Prefeitura de Florianópolis e inaugurada em 2001, atende, durante a semana, crianças do Projeto Florir Floripa e da Casa da Passagem e, aos sábados, atende também crianças carentes residentes na comunidade. O objetivo geral das acadêmicas foi incentivar o gosto por histórias, sejam elas lidas, contadas, dramatizadas, desenhadas ou filmadas. Como objetivos específicos têm-se: a) possibilitar a identificação, a introjeção, a projeção e a catarse; b) fornecer exemplos de convivência; c) ajudar as crianças a entenderem melhor suas limitações, reações, conflitos e frustrações; d) oferecer a oportunidade para a verbalização de sentimentos; e) aliviar as tensões diárias. A equipe realizou os procedimentos necessários para a realização da atividade na Instituição: fez o reconhecimento do local, observou e conversou com as crianças frequentadoras da brinquetoteca a fim de verificar suas preferências e disposição para as atividades antes de executar a sessão-piloto, contactou funcionários da Casa e voluntários que lá atuam para colher sugestões e contar com seu apoio. A metodologia adotada foi a utilização do filme – *Leitão e Tigrão* (de Walt Disney Pictures).

No Relatório Final (MÜLLER; DUARTE; GOUVEIA, 2004) as acadêmicas justificaram a escolha de filme em vez de livro por acreditarem que uma história filmada pode perfeitamente substituir uma história lida ou narrada oferecendo os mesmos componentes biblioterapêuticos. Também, visto a brinquetoteca estar há alguns meses sem televisão, a equipe achou que um filme agradaria às crianças. Dessa forma, as acadêmicas levaram até o local um aparelho de televisão e de vídeo cassete e uma fita VHS do filme. A história destaca a amizade e a solidariedade como fundamentais para a solução de problemas. Nas peripécias dos animais encontram-se presentes o humor, a aventura, a emoção e abordam-se temas como o medo do desconhecido, o preconceito, exigências maternas, companheirismo, coragem, afeto, necessidade de se enturmar e de sentir-se útil. A história possibilitou a identificação com as personagens, a introjeção, a projeção e favoreceu a reflexão sobre o que significa ser amigo, quais as formas de se fazer amigos e como mantê-los. Ao término do filme distribuiu-se pipoca, desenhos das personagens para serem coloridos e solicitou-se que as crianças incluíssem o desenho de um amigo querido. O diálogo após o filme indicou que apreciaram o desenrolar da história e gostaram especialmente do final feliz. Entre as dificuldades encontradas, a equipe salientou a diversidade da faixa etária, pois o nível de compreensão, a capacidade de concentração e os interesses não são os mesmos em crianças de 4 a 12 anos. Muito embora não nutra dúvidas a respeito dos efeitos benéficos da transmissão de histórias por meio da leitura, da contação, da dramatização, do desenho ou do filme, o grupo de acadêmicas esclarece que nunca se pode prever todos os resultados, pois os mesmos dependem não apenas da aplicação da atividade, mas também das condições física, emocional e intelectual dos envolvidos.

O *Projeto piloto de biblioterapia*, de autoria de Edson Roberto Mohr, Josiane Mello, Juliana Golin, Michele Beck Schroer e Roberta Maria Rosa Feijó foi desenvolvido, também, no Projeto Florir Floripa. A equipe realizou um diagnóstico da Instituição e percebeu que as crianças não gostavam de ler. Assim, o desafio maior, bem como o objetivo primário do Projeto, foi despertar o gosto pela leitura. Como objetivos específicos da atividade listam-se: a) oferecer alívio das angústias e frustrações pela catarse fornecida pela leitura de texto literário; b) promover mudança de comportamento; c) servir de suporte ao crescimento intelectual; d) possibilitar a identificação e a introspecção. A metodologia adotada foi a contação de história.

O Relatório Final (MOHR et al., 2004) esclarece que a história selecionada foi *Coração Valente*, de Ângela Leite de Souza. A contadora valeu-se de um canguru de pelúcia para representar a personagem principal do conto, o qual descreve as diferenças físicas entre *Dudu*, o canguru e *Maurício*, o ouriço. As crianças e os adolescentes participaram ativamente da história, interpretando-a e trocando idéias sobre ela. O intuito do diálogo era mostrar que sempre se pode encontrar uma saída inteligente para resolver os problemas do dia-a-dia. Algumas crianças relataram casos em que tiveram idéias criativas para solucionar problemas difíceis. A maioria identificou-se com o canguru, por ser uma personagem divertida, estar sempre atrás de aventuras e por não nutrir preconceitos contra o ouriço (que, por sua particularidade física – os espinhos – afastava os amigos). Em continuidade, a equipe proporcionou recreação com várias brincadeiras, entre elas a da cadeira, da estátua e morto-vivo. No decorrer das atividades foram distribuídos balões, pirulitos e balas ao público-alvo. A seguir, ofereceu-se um lanche às crianças e aos adolescentes participantes. Cabe ressaltar que nem todos aderiram participar das brincadeiras, alguns preferiram desenhar as passagens da história mencionada. Como, na biblioterapia, nada é imposto e sim voluntário, a equipe sentiu que a liberdade foi um fator a mais de enriquecimento do trabalho biblioterapêutico realizado, pois, ao se retirar, recebeu pedidos para retornar, contar mais histórias e brincar.

O *Projeto Trabalho de biblioterapia aplicado ao grupo de dependentes químicos na Fazenda da Esperança*, de autoria de Luis Antonio Pacheco e Flávia C. Araújo foi executado com 13 internos, de idades que variam entre 16 a 60 anos, dependentes de álcool e de drogas que residem voluntariamente na instituição que é de caráter religioso e sem fins lucrativos. Depois de obtido o consentimento do administrador da Fazenda da Esperança, os acadêmicos optaram pela leitura de três textos motivacionais e a exibição de um filme que conduzia à relexão. O objetivo primário do Projeto foi levar aos dependentes químicos uma mensagem de estímulo, e os objetivos secundários foram: a) elevar a auto-estima do público-alvo; b) conduzir à introspecção.

De acordo com o Relatório Final (PACHECO; ARAÚJO, 2004) os acadêmicos se apresentaram aos internos e informaram os objetivos da visita e do trabalho a ser realizado. A seguir, distribuíram três textos que continham idéias de que é possível vencer obstáculos e dificuldades. Os próprios internos procederam à leitura em voz alta dos textos, sendo seguida de comentários pessoais. Cumpre lembrar que houve identificação de muitos com o abordado nos textos. Na sequência foi exibida a fita de vídeo *Reflexões sobre um grande sucesso de vida*, de Gonçalo Borges. O filme relata a persistência de um deficiente físico em vencer as limitações que sua situação impõe e o sucesso obtido tanto na vida pessoal como na vida profissional. Foi aberto o debate após o filme e todos puderam expor seus problemas. A equipe relatou alguns depoimentos dos internos que apontaram como fatores do uso de álcool e de drogas os conflitos interiores, problemas familiares, bem como a necessidade de pertencer a um grupo. Os relatos indicam a grande dificuldade em manter a abstinência do vício. Por meio de aplausos e comentários, os internos mostraram sua gratidão aos acadêmicos que se preocuparam em levar-lhes uma mensagem de estímulo. Foi-lhes solicitado que voltassem em outra oportunidade e abordassem diferentes temas que motivassem e induzissem à reflexão, pois o dessa sessão-piloto de fato despertou-lhes o entusiasmo para enfrentar as dificuldades de sua situação de dependentes químicos. A equipe considerou plenamente satisfatória a atividade de biblioterapia na Fazenda da Esperança.

O Projeto *O lazer no contato com o idoso*, de autoria de Marcos Henrique Camerini, Maria de Fátima Machado, Ana Carina Salvin e Carlos Prazeres foi aplicado em uma clínica prestadora de serviços sociais e assistenciais, a Atividade Centro de Convivência, com pacientes de terceira e quarta idades. A maioria dos pacientes é portadora de necessidades especiais – apresenta algum tipo de deficiência mental, decorrente de patologias como Parkinson, Alzheimer e arteriosclerose. A depressão e a redução da capacidade física e intelectual fazem com que os 15 internos da Instituição exijam um tratamento diferenciado, seja na área da saúde, seja no lazer. Após contato com a Administração da Clínica, a equipe elaborou um cronograma de atividades que buscassem atender as necessidades dos idosos, e nutriu a preocupação em evitar temas nostálgicos ou românticos que trouxessem lembranças dolorosas ou induzissem ao choro. Preocupou-se também em desenvolver atividades de curta duração para evitar exaustão do público-alvo, visto a idade avançada dos mesmos – a mais idosa das pacientes tem 94 anos. O objetivo geral do Projeto foi atender as necessidades psicossociais dos idosos. Como objetivos específicos, listou: a) promover, por meio da biblioterapia, lazer, bem estar e alívio das tensões dos idosos; b) proporcionar aos idosos leitura dirigida de qualidade. Para atingir tais objetivos, a equipe optou por brincadeiras tais como: quebra-gelo, reconhecimento de sons, jogo do milhão, dramatização, música e, como leitura, poemas de Olavo Bilac.

O Relatório Final (CAMERINI et al., 2004) destaca que houve acompanhamento da recreadora e da gerontóloga da Instituição no desenrolar das atividades lúdicas. A equipe apresentou-se aos internos na sala utilizada para recreação, vestindo um colete verde com um crachá identificatório, e distribuiu etiquetas adesivas com os nomes dos internos, para facilitar a comunicação. Foi utilizada uma pequena música, *Troc, troc, tamanquinhos*, com o intuito de exercitar pés e mãos (bater palmas e bater pés no chão). A seguir uma nova brincadeira, *Que som é esse?* em que os acadêmicos imitaram o som produzido por cachorro, gato, passarinho, boi, leão, ovelha, sapo, galo, pintinho, porco, pato, papagaio, elefante e abelha, cabendo aos pacientes adivinhar qual animal estava sendo imitado. Na sequência, uma componente do grupo declamou as poesias *As nuvens* e *Beethoven surdo*, de Olavo Bilac, tendo sido muito aplaudida. A atividade seguinte foi uma adaptação de uma história engraçada de um vendedor de queijos. A equipe optou por dramatizar a história. Assim, cada integrante do grupo encarnou uma personagem, encenando uma pequena peça teatral, o que agradou sobremaneira os internos, como pôde ser comprovado pelos aplausos. Após a representação teatral, organizou-se o Jogo do Milhão, brincadeira de perguntas e respostas. Essa atividade foi a mais demorada, com alto grau de aceitação e que manteve os idosos atentos e participativos. O prêmio final foi cartaz com um grande milho desenhado – um milhão!, ofertado ao vencedor, e que foi motivo de risos para todos. Para finalizar, foi lida uma oração que foi apreciada pelos internos. Os acadêmicos concluíram que os resultados obtidos foram acima do esperado, pois

proporcionaram um dia diferente na vida de 15 pessoas idosas, carentes de carinho e de atenção, deles recebendo manifestações de apreço e o pedido de retornarem.

O projeto *Uma experiência de biblioterapia com os idosos do Asilo Osvaldo Alípio da Silva*, de autoria de Cláudia Vilvert, Deise Mesquita Pedroso Páscoa, Douglas Ferreira Gonçalves e Jussiane Ribeiro da Luz foi desenvolvido em um lar de idosos construído e mantido pela comunidade. Atualmente o Lar do Idoso Osvaldo Alípio da Silva abriga 30 internos na faixa etária de 60 a 95 anos, sendo 10 homens e 20 mulheres, entre acamados, pacientes crônicos, deficientes visuais e auditivos. Além dos 14 funcionários, conta com 1 médico voluntário. A Instituição é de cunho assistencial e sem fins lucrativos. Após autorização dos administradores do Lar do Idoso e reconhecimento do local a ser aplicada a biblioterapia, a equipe achou por bem apresentar uma peça teatral aos internos. Assim, o objetivo geral do projeto foi promover a encenação de um texto literário aos idosos como forma de ajuda terapêutica. Os objetivos específicos foram: a) amenizar a carência afetiva dos idosos; b) estimular o diálogo; c) dirimir o stress; d) diminuir a timidez; e) facilitar a socialização.

De acordo com o Relatório Final (VILVERT et al., 2004) todos os idosos do Lar assistiram a representação da peça teatral, inclusive os visitantes do dia. A peça escolhida foi *O mágico de Oz*, que relata as aventuras de uma menina chamada Dorothy e de seus amigos, o espantalho, o leão e o homem de lata. Cada um dos integrantes da equipe encenou uma personagem, vestindo-se a caráter para conferir verossimilhança. Cumpre lembrar que obteve ajuda de acadêmico de outra equipe para complementar o rol dos figurantes. A peça durou aproximadamente 15 minutos e foram notórios tanto o entusiasmo, quanto a curiosidade dos idosos durante toda a apresentação. No diálogo que se seguiu à dramatização os idosos relataram histórias de sua vida e contaram como é a rotina do Lar, merecendo destaque a preocupação que têm uns pelos outros. Foi proposta uma recreação – música e dança. Alguns idosos participaram e outros, devido às limitações físicas, se limitaram a conversar animadamente com os acadêmicos. Durante esse período de integração, que levou 1 hora e 30 minutos, a equipe observou uma significativa mudança no comportamento dos idosos. Houve socialização, diminuição da timidez, aumento da auto-estima, e, acima de tudo, manifestações de alegria. Todos os idosos solicitaram o retorno da equipe, o que indica que apreciaram sair da solidão habitual e conviver alguns momentos com jovens dispostos a levar amor e amizade por meio da biblioterapia.

4 CONSIDERAÇÕES

Muitos se perguntam qual a diferença entre a *Hora do Conto* (que também promove a leitura em grupo, exibição de filmes, teatro de marionetes) nas bibliotecas públicas, escolares, infantis e a biblioterapia. Cumpre esclarecer que todas essas atividades executadas na *Hora do Conto* podem ser transformadas em atividades biblioterapêuticas desde que o bibliotecário adquira consciência do potencial terapêutico da leitura e da contação de histórias, atreladas a componentes lúdicos estimulantes como o jogo, a música, o filme, a dramatização. Essa consciência perpassa pela aceitação que a leitura é uma relação dialógica entre o texto e o leitor, o que implica na aceitação, também, da teoria dos espaços vazios de Wolfgang Iser, que considera a leitura como ação participativa entre o texto e o leitor. Assim, o leitor é a personagem transformadora da leitura. Não é mero agente passivo dos sentidos do texto, mas sim fornecedor de sentido. A leitura, dessa forma, pressupõe atividade incessante, em que o leitor/ouvinte se movimenta pelo texto, sendo capaz de criar um novo texto a partir do lido/ouvido. É por isso que, na biblioterapia, se prioriza o diálogo. A troca de impressões acerca do que foi lido, ouvido, dramatizado, cantado, ou apresentado em filme, nem sempre se processa pela linguagem verbal. Por esse motivo, considera-se diálogo os gestos, os desenhos, as expressões faciais, o riso, os aplausos, e qualquer outra manifestação de apreço ou descontentamento pelo lido/contado/apresentado. Para que a terapia – aqui entendida como o cuidado com o ser – possa ser efetiva, a leitura, a contação ou a apresentação de um texto literário deve ser seguida pela conversa, discussão, debate (linguagem verbal) ou por qualquer outra forma de linguagem não verbal que indique interação com o texto. A interpretação da história é um exercício individual e um direito inalienável do leitor/ouvinte.

Como podem, então os bibliotecários transformar a *Hora do Conto* em atividade biblioterapêutica? Preocupando-se em transformá-la em puro prazer, puro deleite, algo que as crianças aguardem com ansiedade. Para isso, são necessários determinados cuidados: a) não impor a leitura e não realizar cobranças (as atividades complementares devem ser opcionais, gostosas e não enfadonhas e cansativas); b) não transformar a *Hora do Conto* em pretexto para exercícios didáticos (nada de contar os verbos, quais os substantivos próprios e comuns, onde estão os adjetivos; não ficar perguntando quais as personagens principais e secundárias, o que elas fizeram, etc); c) não haver preocupação demasiada em passar valores (não é uma aula de ética, é um momento para descontração, laser e encantamento); d) não usar fragmentos de obras (é frustrante não saber todo o contexto, como começou ou vai acabar a história); e) não ficar ralhando o tempo todo com as crianças (permitir um tempo antes da história para troca de impressões, para os risinhos e os cochichos; só começar a história quando todos tiverem se acomodado e houver clima para a leitura ou a contação).

Além desse cuidados, os bibliotecários que pretendam fazer da *Hora do Conto* uma atividade biblioterapêutica, devem: a) proporcionar a catarse (mexer com as emoções e depois moderá-las, causar alívio, purificá-las – e para isso o mais indicado é valer-se dos contos de fada, pois os mesmos contêm o lobo, o ogro, o gigante, a bruxa, a fada, o anel mágico); b) produzir o riso, que é terapêutico (aproveitar as histórias modernas, que são engraçadas); c) possibilitar que haja a identificação das crianças com as personagens (por esse motivo deve-se diversificar as histórias, para que, de alguma forma, se atinja a todas); d) permitir espaço para a projeção, a introjeção e a introspecção (o diálogo posterior à história é fundamental para que as crianças expulsem de si qualidades e sentimentos indesejados e projetem-nos nas personagens, e que assimilem, introjetem qualidades e sentimentos das personagens que admiram e se identificam, além de adquirirem a capacidade de perceber o que se passa em seu interior, mesmo que de uma forma difusa). Os bibliotecários deverão, também, satisfazer as necessidades estéticas das crianças com textos de qualidade, de bons autores (não usar narrativas pobres, com uso excessivo de diminutivos e enredo fraco – as crianças são inteligentes e querem ser tratadas com dignidade). Deverão, ainda, fortalecer a relação de amizade bibliotecário/crianças (o afeto é terapêutico – o toque, o abraço, a palavra de consolo, a cumplicidade do olhar, os gestos meigos, a fala mansa, o sorriso gentil – tudo isso faz parte de uma sessão de contos em que, se a história é a estrela principal, os atores envolvidos - o bibliotecário e as crianças não são menos importantes e merecem respeito, carinho e atenção).

Cumprir sempre lembrar que uma história é um presente de amor e que as atividades de biblioterapia se aproximam mais da arte do que da ciência. Por esse motivo, carecem de avaliação sistemática. No que tange aos diversos projetos executados pelos acadêmicos do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina, pode-se dizer que não foi realizado um experimento científico . Ousa-se dizer que o trabalho aproximou-se de uma pesquisa ex-post-facto, visto que não se teve controle das variáveis e os fatos foram espontâneos. Assim, a análise e interpretação da reação do público-alvo às atividades biblioterapêuticas valeram-se mais do respaldo teórico apresentado em sala de aula, do exame de outros estudos análogos apresentados em literatura da área, da avaliação dos responsáveis pelas instituições envolvidas e da percepção dos próprios alunos.

Sabe-se que a continuidade é importante para a eficácia da biblioterapia. Entretanto, mesmo sessões isoladas trazem algum benefício. Só o fato de alguém se dispor a levar uma mensagem de otimismo a crianças, jovens, adultos ou idosos – pessoas completamente desconhecidas – indica disposição solidária e vontade de compartilhar bons momentos, o que, por si só já é terapêutico, pois indica cuidado amoroso com o próximo.

Muito embora o ideal seja um trabalho biblioterapêutico de 6 meses a 1 ano com o mesmo público-alvo, nossa realidade não permite, muitas vezes, atingir essa meta. Assim, por exemplo, uma disciplina de 36 horas/aula semestrais que apresente substancial referencial teórico de apoio antes de os alunos poderem iniciar atividades práticas, não deixa muito tempo para as mesmas. O importante é que os acadêmicos dominem as técnicas de aplicação da biblioterapia, tenham discernimento na

escolha de histórias, contos, poesias e saibam valer-se de instrumentos complementares como brincadeiras, jogos, filme, música, desenho, canto, dança e dramatização.

A respeito dos 30 alunos que participaram dos diversos projetos em variadas instituições e com público de 4 a 95 anos de idade, pode-se dizer, sem medo de errar, que foram bem sucedidos. Conforme depoimentos nos relatórios finais e em sala de aula, a maioria sentiu que interferiu de maneira positiva no comportamento, nos sentimentos e nas emoções das pessoas a quem foram aplicadas as atividades de biblioterapia. Os componentes biblioterapêuticos estiveram presentes – para alguns, a catarse; para outros, a identificação (por meio da projeção ou da introjeção); em alguns, o humor teve papel preponderante; em outros, a introspecção falou mais alto – mas sempre, de alguma forma o texto literário, lido, contado, dramatizado ou filmado atingiu a mente e o coração dos envolvidos no processo.

Resta a esperança de que os acadêmicos dêem continuidade ao trabalho desenvolvido, mesmo de forma voluntária e sem vínculo com a disciplina que concluíram com êxito. Tal já aconteceu no ano passado, quando alguns alunos prosseguiram o trabalho de biblioterapia nas instituições que selecionaram no projeto-piloto. Pode-se citar, entre eles, o caso de uma acadêmica que por 6 meses desenvolveu a biblioterapia no Presídio Feminino de Florianópolis.

Resta a esperança, ainda, de que esses relatos sirvam de incentivo aos bibliotecários que pretendam atuar com a biblioterapia. A estes, um lembrete: procurem literatura pertinente à área para se informarem adequadamente e estejam munidos dos conceitos-chave e do método da biblioterapia. Também a estes uma mensagem: não tenham medo. Somente a prática fornece a segurança necessária para desenvolver cabalmente atividades de leitura com possibilidades terapêuticas. Quanto mais trabalharem com a biblioterapia, mais competentes serão nas várias atividades que ela oportuniza e mais gratificados ficarão com os resultados obtidos.

BIBLIOGRAFIA

- ARISTÓTELES (1966). *Poética*. Tradução de Eudoro de Souza. Porto Alegre: Globo.
- BERGSON, Henri (1983). *O riso: ensaio sobre a significação do cômico*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar.
- BOSI, Alfredo (1988). *Céu, inferno: ensaios de crítica literária ideológica*. São Paulo: Ática.
- CALDIN, Clarice Fortkamp (2001). A leitura como função terapêutica: biblioterapia. *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, (12), dez., 1-10. [Disponível em <http://www.encontros-bibli.ufsc.br>] Consultado em 14 de janeiro de 2005.
- CALDIN, Clarice Fortkamp (2002). Biblioterapia para crianças internadas no Hospital Universitário da UFSC: uma experiência. *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, (14), out., 1-18. [Disponível em <http://www.encontros-bibli.ufsc.br>] Consultado em 17 de janeiro de 2005.
- CALDIN, Clarice Fortkamp (2003). Biblioterapia para a classe matutina de aceleração da Escola de Educação Básica Dom Jaime Câmara: relato de experiência. *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina*, 8, jan./dez., 10-17.
- CALDIN, Clarice Fortkamp (2004). A aplicabilidade terapêutica de textos literários para crianças. *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, (18), 2º. semestre, 72-89. [Disponível em <http://www.encontros-bibli.ufsc.br>] Consultado em 20 de janeiro de 2005.
- CAMERINI, Marcos Henrique et al. (2004). *O lazer no contato com o idoso*. Relatório Final da disciplina Biblioterapia – Curso de Biblioteconomia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- ESCARPIT, Robert (1976). *L'humour*. 6. éd. Paris: PUF.
- FREIRE, António (1982). *A catarse em Aristóteles*. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia.
- FREUD, Sigmund (1969). *Os chistes e suas relações com o inconsciente*. Tradução de Margarida Salomão. Rio de Janeiro: Imago.
- FREUD, Sigmund [197-]. *Obras completas*. Tradução de Odilon Gallotti et al. Rio de Janeiro: Delta.
- HAUSER, Arnold (1976). *Maneirismo: a crise da Renascença e a origem da arte moderna*. Tradução de Magda França. São Paulo: Perspectiva.

- HOFFMANN, Elisângela et al. (2004). *Biblioterapia no Colégio Barddal*. Relatório Final da disciplina Biblioterapia – Curso de Biblioteconomia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- ISER, Wolfgang (1996). *O ato da leitura: uma tória do efeito estético*. Tradução de Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34. 2 v.
- LAPLANCHE, JEAN; PONTALIS, J. B. (1994). *Vocabulário de psicanálise*. Tradução de Pedro Tamen. São Paulo: M. Fontes.
- LARGURA, Carla C. et al. (2004). *Biblioterapia*. Relatório Final da disciplina Biblioterapia – Curso de Biblioteconomia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- MERLEAU-PONTY, Maurice (1990). As ciências do homem e a fenomenologia. In: _____. *Merleau-Ponty na Sorbonne: resumo de cursos de psicossociologia e filosofia*. Tradução de Constança Marcondes César; Lucy Moreira César. Campinas: Papirus. p. 154-213.
- MOHR, Edson Roberto et al. (2004). *Projeto piloto de biblioterapia*. Relatório Final da disciplina Biblioterapia – Curso de Biblioteconomia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- MÜLLER, Beatriz; DUARTE, Gerusa; GOUVEIA, Maria Helena de (2004). *Uma sessão de biblioterapia na brinquedoteca da Cidade da Criança de Florianópolis – SC*. Relatório Final da disciplina Biblioterapia – Curso de Biblioteconomia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- MÜLLER, Marcos José (2001). *Depoimentos sobre a teoria da catarse de Aristóteles*. Entrevistadora: Clarice Fortkamp Caldin. Entrevistas concedidas na Universidade Federal de Santa Catarina, em 20 de março e 7 de maio de 2001.
- OUAKNIN, Marc-Alain (1996). *Biblioterapia*. Tradução de Nicolás Niymi Campanário. São Paulo: Loyola.
- PACHECO, Luis Antônio; ARAÚJO, Flávia (2004). *Trabalho de biblioterapia aplicado ao grupo de dependentes químicos na Fazenda da Esperança*. Relatório Final da disciplina Biblioterapia – Curso de Biblioteconomia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- PIRANDELLO, Luigi [19--]. *L'umorismo*. Venécia: La Nuova Italia..
- ROSS, David (1987). *Aristóteles* Lisboa: D. Quixote.
- SARTRE, Jean-Paul (1982). *A imaginação*. Tradução de Roberto Salinas Fortes. 6. ed. São Paulo: Difel.
- SHRODES, Caroline (1949). *Bibliotherapy: a theoretical and clinical-experimental study*. 344f. Dissertation (Doctor of Philosophy in Education) – University of California, Berkeley.
- SILVA, Cristiane Izabel da; VALENÇA, Tânia Maria Bombarda (2004). *Biblioterapia para crianças do Centro Municipal de Educação Infantil São Tomé*. Relatório Final da disciplina Biblioterapia – Curso de Biblioteconomia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- VILVERT, Claudia et al. (2004). *Uma experiência de biblioterapia com os idosos do Asilo Osvaldo Alípio da Silva*. Relatório Final da disciplina Biblioterapia – Curso de Biblioteconomia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

DADOS DA AUTORA

Clarice Fortkamp Caldin, nascida em Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, em 1950. Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Mestre em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina. Doutoranda em Literatura na mesma universidade. Professora Assistente no Departamento de Ciência da Informação no Centro de Ciências da Educação na Universidade Federal de Santa Catarina. Coordenadora de Estágios do Departamento de Ciência da Informação. Já lecionou na graduação as disciplinas: *Metodologia científica, Pesquisa bibliográfica, Normalização da documentação, Catalogação descritiva, Catalogação – entradas e cabeçalhos, Periódicos e Seriados, Editoração, Bibliotecas Escolares, Controle dos registros do conhecimento e Biblioterapia*. Orienta o estágio obrigatório e os trabalhos de conclusão de curso dos formandos do Curso de Biblioteconomia da UFSC. Faz parte da Comissão Editorial da *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina*. É colaboradora do Conselho Editorial do

periódico *Encontros Bibli*: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da informação. Tem participado da Comissão de Cursos da Diretoria Técnica da Associação Catarinense de Bibliotecários. Desenvolve projetos de pesquisa sobre o narrar e o ler textos literários, e projetos de extensão sobre biblioterapia. Profere palestras a respeito da biblioterapia para bibliotecários e professores do ensino fundamental.

e-mail: claricef@matrix.com.br

Nota: Biblos presenta este artículo en el formato final enviado por el autor.

Note: Biblos displays this article on final format sent by the author.